

Resgate histórico da praça da Basílica de Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, Minas Gerais⁽¹⁾

LUIZA DE CASTRO JUSTE⁽²⁾ e PATRÍCIA DUARTE DE OLIVEIRA PAIVA ^{(2)*}

RESUMO

As praças e os jardins sempre estiveram no coração das cidades, consagrando sua história e dando lugar a acontecimentos públicos e privados da população. Os jardins históricos contribuem para a memória e identidade de um povo, podendo ser considerados como herança cultural e monumento vivo e, por isso, a importância de sua preservação. Esses jardins estão presentes em muitas localidades e, em especial, nas cidades coloniais de Minas Gerais, que possuem suas raízes fincadas na busca incessante pelo ouro e nos caminhos traçados pela então Estrada Real. Congonhas, cidade que surgiu a partir da exploração do ouro, e também a partir da fé dos portugueses, possui enorme potencial turístico. Sua história é marcada pela obra-prima de Aleijadinho, que a transformou em Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Essa pesquisa teve como objetivo, considerando a importância dos jardins históricos, estudar a evolução histórico-cultural e paisagística da Praça da Basílica de Bom Jesus de Matosinhos com ênfase às transformações morfológicas do espaço por ela ocupado e às representações sociais encontradas. Para isso, foi feita uma pesquisa exploratória por meio de visitas ao local, entrevistas e pesquisas bibliográficas e iconográficas. A reunião dos dados coletados permitiu organizá-los no processo histórico da ocupação da área e viabilizou a identificação das principais modificações ocorridas ao longo do tempo. Não houve nenhum ideário de ocupação do espaço da praça, seja como ambiente de convívio, seja como ornamentação até a década de 1920. A ideia de embelezamento do local surgiu somente com a chegada dos padres Redentoristas a Congonhas em 1923. A partir daí, diversas foram as formas adquiridas pelo jardim, contando, inclusive, com projeto de Roberto Burle Marx. A praça possui um intuito religioso e não carrega a concepção da maioria das praças brasileiras como um lugar de convívio da população ou marco do poder político.

Palavras-chave: Jardins históricos, Estrada Real, Paisagismo.

ABSTRACT

Historic rescue of the square of the Basílica of Bom Jesus de Matosinhos at Congonhas, Minas Gerais

The squares and gardens have always been constructed at the heart of cities, enshrining its history and giving place to the public and private events of the population. The historic gardens contribute to the memory and identity of a people, and can be considered as cultural heritage and living monument and therefore the importance of its preservation. These gardens are present in many localities, especially in the colonial towns of Minas Gerais, which have their roots in the incessant search for gold and the ways traced by the then Royal Road. Congonhas, a town that emerged from the gold exploration, and also from the faith of the portuguese, has enormous tourism potential. It's history is marked by Aleijadinho masterpiece, which turned it into a World Heritage Site by UNESCO. This study had as objective to consider the importance of historic gardens, to study the historical-cultural evolution and landscape of the square of the Basílica Bom Jesus de Matosinhos with emphasis on morphological transformations of the space it occupied, and the social representations found. For this, it was made an exploratory research through site visits, interviews, and literature and iconographic searches. The gathering of the collected data allowed to organize them in the historical process of area occupation and enabled the identification of the main changes that occurred over time. There was no intention of occupying the square, either as a community space, whether as ornamentation until the 1920's. The idea of beautifying the place came only with the arrival of the Redemptorist Priests in Congonhas in 1923. Since then, several forms were acquired through the garden, including a project by Roberto Burle Marx. The square has a religious purpose and does not load the design of most Brazilian squares as a place of social coexistence of the population or framework from political power.

Keywords: Historical gardens, Royal Road, Landscaping.

⁽¹⁾ Trabalho recebido para publicação em 26/09/2012 e aprovado em 22/08/2014

⁽²⁾ Universidade Federal de Lavras, Departamento de Agricultura, cp. 3037, 37200-000, Lavras-MG, *Autor correspondente: patriciapaiva@dag.ufla.br

1. INTRODUÇÃO

Nas Minas setecentistas, a busca por ouro e pedras preciosas fez surgir diversos caminhos e entradas deixadas pelos bandeirantes. Essas entradas foram ampliadas, consolidando, com o passar do tempo, uma estrada, que se tornou a principal rota de transporte dos metais das Minas até o Rio de Janeiro e, por ser propriedade da Coroa Portuguesa, ficou conhecida como Estrada Real (CARVALHO, 2010; BESSA, 2011).

Por sua imensurável importância, diversas vilas, cidades e povoados surgiram ao longo de sua rota. As principais cidades históricas de Minas Gerais, como Ouro Preto, Mariana, Tiradentes, Diamantina e Congonhas, fazem parte de seu caminho (CALAES et al., 2008).

Nessas cidades e em outras do período colonial brasileiro, o núcleo central de um povoamento era sempre uma capela e, junto a ela, eram formados os primeiros espaços livres públicos do País. Esses espaços se consolidaram como a principal ligação entre a comunidade e a igreja e um importante pólo da vila, atraindo para o seu entorno residências, o comércio e prédios públicos (ROBBA e MACEDO, 2003).

Os primeiros espaços ajardinados do País surgiram no século XVIII, mas adquiriram importância somente durante o século XIX, o que se justifica por a cidade ser antes considerada o oposto do meio rural, depreciando-se a vegetação (GOMES, 2007).

Comum nas cidades coloniais, um Jardim Histórico é aquele que possui significado cultural, capaz de fortalecer a memória e a identidade de uma sociedade (ANDRADE, 2008). Foi pensando na conservação destes locais que, em 1981, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Histórico-Artísticos elaborou a Carta de Florença, que dispõe sobre definição e objetivos; manutenção, conservação, restauração e recuperação; utilização, além da proteção legal e administrativa desses sítios (ANGELIS e ANGELIS NETO, 2004).

Por mais que os monumentos e edifícios arquitetônicos sofram desgastes com o tempo, exigindo reparos e restaurações, ainda assim permanecem fixos. Porém, os jardins têm seu valor acrescido pelo tempo, já que se constituem como organismos vivos e sua evolução e transformação são naturais. (ANDRADE, 2008; ORSINI, 2010).

Assim, objetivou-se estudar a evolução histórico-cultural e paisagística da Praça da Basílica de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, MG, contextualizando o jardim da praça com a história da cidade e considerando sua funcionalidade e representação para os turistas e congonhenses.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa, de cunho exploratório, centra-se no período compreendido entre 1757 a 2012 e refere-se à evolução histórica da Praça da Basílica de Bom Jesus de Matosinhos, às transformações morfológicas do espaço por ela ocupado e às representações sociais encontradas. A

pesquisa foi orientada em métodos qualitativos, em busca de contextualizar o universo investigado. No percurso para a coleta de dados, foram desenvolvidas pesquisas de campo com visitas e entrevistas previamente agendadas, levantamento documental e pesquisas bibliográficas e iconográficas.

As contribuições de Lassus (1994), Delphim (2005) e Luginbuhl (2006) foram combinadas para integrar a fundamentação teórica da pesquisa. Segundo Lassus (1994), por meio da análise inventiva é possível identificar os processos de evolução física e as práticas do lugar, interpretando seus dados naturais, patrimoniais e sociais. Isto implica discernir o que seria mais apropriado na relação específica entre o lugar e suas práticas sociais.

A análise subjetiva de Luginbuhl (2006) revela valores estéticos, fenomenológicos ou simbólicos. Este método se fundamenta na hipótese segundo a qual as paisagens e suas representações apresentam valores que são atribuídos pelas populações, artistas ou ainda por escritores que identificaram os atributos estéticos ou simbólicos em suas obras.

Delphim (2005), por sua vez, colabora com orientações técnicas voltadas para a conservação e preservação de jardins históricos, incluindo os entornos de monumentos tombados, locais que também possuem restrições quanto às intervenções. O autor leva em consideração os aspectos singulares de cada jardim, fazendo com que cada um tenha uma evolução particular e soluções próprias.

O levantamento bibliográfico foi realizado em bibliotecas, nos arquivos públicos, no IPHAN, em relatos de viajantes estrangeiros e jornais. Paralelamente, foi realizado o levantamento iconográfico, por meio de fotos, gravuras, projetos e pinturas que ajudaram a elucidar as transformações desses espaços, situando no tempo fatos registrados bibliograficamente ou desvendando acontecimentos registrados por meio de imagens.

As entrevistas, efetivadas com agendamento, buscaram atender a uma lógica pessoal de construção da narrativa referenciadas por perguntas-chaves genéricas, aqui elencadas:

“O que pode dizer sobre Congonhas?”.

“Quais foram as mudanças ocorridas no Jardim dos Passos?”

“Quais foram/são os usos e funções desse espaço?”

“Qual a importância da Basílica de Bom Jesus de Matosinhos e sua praça para os congonhenses e visitantes do local?”

O relato livre é considerado apropriado na pesquisa qualitativa por favorecer a compreensão das relações sociais e das experiências de sujeitos biograficamente situados no mundo, tendo o contexto de suas vidas amalgamado às circunstâncias passadas, presentes e futuras (CASTRO, 2009). Breves intervenções ocorreram no decorrer das entrevistas, visando a retomar a temática proposta e obter esclarecimentos e aprofundamento dos aspectos mais significativos. As entrevistas contribuíram com dados e informações ainda não registrados em documentos ou imagens, mas constituintes da memória dos habitantes da cidade.

As referidas entrevistas dialogadas foram feitas com representantes de diferentes setores da sociedade: padre da Basílica, funcionários do IPHAN e da Prefeitura Municipal de Congonhas, artistas locais, representantes de famílias tradicionais e, também, pessoas responsáveis pela manutenção e segurança da praça e da Basílica, além dos frequentadores da igreja e feirantes/romeiros do Jubileu ocorrido em setembro de 2011.

O material coletado permitiu compreender quais foram e quais são as representações paisagísticas coletivas e os modos de apropriação social destes espaços.

Para o levantamento botânico, ou seja, a identificação das espécies utilizadas no jardim em todas as suas épocas, foram usados, basicamente, material iconográfico e alguns poucos relatos de viajantes que descreviam o local. A maior parte dos projetos encontrados não tinha esse detalhamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade de Congonhas

O “Arraial das Congonhas” surgiu a partir da exploração de ouro, e seus primeiros habitantes foram os portugueses seguidores da bandeira de Bartolomeu Bueno e que também povoaram a Vila Real de Queluz, hoje Conselheiro Lafaiete, entre os anos de 1691 a 1700 (PIRONI, 2008).

O povoamento desenvolveu-se nas margens do rio Maranhão e expandiu-se rapidamente com a chegada de novos aventureiros, também interessados na exploração de ouro. Em 1734, foi criada a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas, subordinada ao Bispado do Rio de Janeiro e, em 1746, foi criado o Distrito de Congonhas do Campo, ligado à Comarca de Ouro Preto (OLIVEIRA, 2006).

Inicialmente, a população foi se organizando à direita do Rio Maranhão e construindo suas igrejas. Somente após a construção da Basílica de Bom Jesus de Matosinhos, em 1757, a ocupação da margem esquerda do Rio Maranhão foi ampliada, culminando na expansão da freguesia (VITARELLI, 1997).

Congonhas foi emancipada politicamente pelo decreto do governador em 17 de dezembro, com o nome de Congonhas do Campo. Não houve a condição de Vila, uma vez que de Distrito foi transformado diretamente em município. Em 1948, após um plebiscito que analisava a preferência da população quanto ao nome da cidade, Congonhas do Campo passa a chamar-se apenas Congonhas.

A Basílica de Bom Jesus de Matosinhos e seu significado religioso

A Basílica de Bom Jesus de Matosinhos está intimamente relacionada à cidade de Congonhas e à sua história.

A devoção a Bom Jesus de Matosinhos tem origem em Portugal, na vila histórica de Matosinhos, e chegou ao Brasil por meio dos portugueses, que traziam consigo grande

esperança de riqueza e forte fé católica (MAGALHÃES, 2006; DIAS e FIALHO, 2010).

Em Congonhas, Feliciano Mendes, imigrante português, após se curar de uma doença em consequência do trabalho de mineração, passou a se dedicar à construção de um Santuário no alto do Monte Maranhão, que se iniciou com um pequeno oratório contendo a imagem de Jesus crucificado, em fevereiro de 1757 (FALCÃO, 1962; OLIVEIRA, 2006).

Após a morte de Feliciano Mendes, diversos foram os administradores do templo e, ao longo de sua construção, houve a participação dos mais importantes artistas, arquitetos e entalhadores do Brasil colonial. Entre eles, Manuel da Costa Ataíde e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (FALCÃO, 1962; OLIVEIRA, 2006).

A exemplo do Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, Portugal, o projeto incluía a construção de duas ordens de Passos do Senhor: os da Paixão, que seriam erguidos na parte fronteira da igreja e os da Ressurreição, na parte posterior (FALCÃO, 1962).

Em agosto de 1796, Aleijadinho inicia seu trabalho em Congonhas com a execução das 66 estátuas de madeira em tamanho natural, representando as cenas finais da vida do Senhor, que seriam instaladas nas capelas dos Passos da Paixão. Aleijadinho levou quase dez anos para concluir a maior e mais importante obra de sua carreira (OLIVEIRA, 2006).

O significado religioso da Basílica em Congonhas está diretamente relacionado ao tema do “Sacro Monte”, instituído na Europa a partir do século XV. As dificuldades de peregrinação aos Lugares Santos incentivaram certas pessoas a reproduzi-los em sua própria pátria. Assim, no caso do Cristianismo, a Terra Santa, Jerusalém, começou a ser importada por meio de jardins religiosos, na chamada “peregrinação de substituição” (BAZIN, 1971). A construção desses jardins, incluindo estátuas e capelas, era comum em Portugal desde o século XVII e, no século XVIII, essa devoção foi difundida: as *via-crucis* espalharam-se por quase todos os lugares. Sem dúvida, o conjunto mais expressivo em Portugal é o Santuário do Bom Jesus do Monte, próximo à cidade de Braga (BAZIN, 1971), que possui dezessete capelas de Passos e um maior número de estátuas de pedra, constituindo-se em um dos mais belos conjuntos barrocos da Europa (OLIVEIRA, 2006). Em Congonhas é apresentado um resumo daquele santuário.

O centro de tudo é Bom Jesus, que se encontra no altar-mor, como o Cristo Crucificado e Sepultado, e todo o conjunto da Basílica se converge a ele.

Na área externa as capelas brancas com os Passos da Paixão foram construídas de forma alternada, formando um zigue-zague (Figura 1). Esse formato representa não só a difícil subida de Jesus ao Calvário, desequilibrando-se com a cruz às costas, como também características específicas do barroco, como o ritmo e o antagonismo (ÁVILA, 1984).

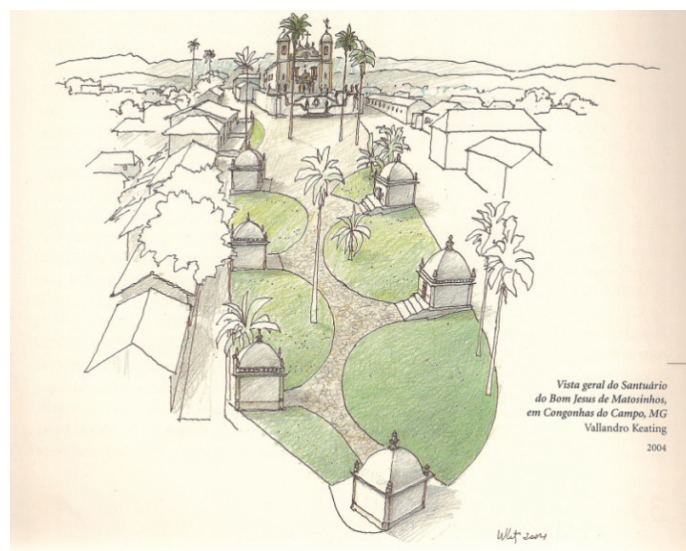


Figura 1. Vista geral do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos. Fonte: Magalhães (2006).
Figure 1. Bom Jesus de Matosinhos Sanctuary's general view. Source: Magalhães (2006).

Terminada a série das capelas, há a igreja setecentista e o Adro dos Profetas, valorizando o Antigo Testamento. O Novo Testamento está apresentado em Congonhas por inúmeros quadros que recobrem as paredes da Igreja (OLIVEIRA, 2006). Assim, Congonhas se destaca em comparação a qualquer outro Santuário Europeu, por ser o único *Sacro Monte* que oferece essa completa união dos dois Testamentos (SMITH, 1973).

Relatos dos viajantes estrangeiros

Durante todo o período de obras e empreendimentos, não foi deixado nenhum documento, foto ou gravura que fizesse referência à parte externa da igreja. Com isso, não se pode dizer ao certo se, junto à construção das capelas, já existia algum plano traçado de jardim ou qualquer outra intenção em relação a esse espaço.

O que existe são relatos de viajantes estrangeiros que vieram para o Brasil principalmente a partir de 1808 (GUEDES, 2010). A maioria desses relatos traz elementos detalhados sobre a Igreja, sua arquitetura e arte. Em relação à parte externa, o adro é enfatizado, trazendo informações, por vezes, equivocadas. Alguns elogiam o trabalho de Aleijadinho, valorizando-o pelas suas dificuldades físicas e grandiosidade de suas esculturas, outros o condenam, considerando um trabalho medíocre, sem grande expressividade. Porém, sobre o entorno das capelas nada é relatado, o que leva a crer que não havia ali nenhuma estruturação.

O mais interessante dos depoimentos desses viajantes é a alusão a um jardim existente na parte posterior da igreja que teria um ideal religioso, mas estaria descuidado, abandonado. Não há outra fonte que faça referência a esse jardim, que não esses relatos.

Wilhelm Ludwig Von Eschwege, alemão nascido em 1777, esteve em Congonhas em 1811 e escreveu sobre a cidade e a Basílica de Bom Jesus de Matosinhos:

Congonhas está situada a uma légua de Redondo, e um bom caminho conduz para lá. (a igreja) É cercada por uma plataforma calçada com pedra de cantaria, e, na parte posterior, encontra-se um gracioso jardim, igualmente provido de estátuas, repuxos e altas euforbiáceas (...).

John Luccock também esteve em Congonhas em 1818 e relatou com muitos detalhes a Igreja, seu interior e suas artes, considerando-a como um dos “mais admirados edifícios eclesiásticos do Brasil”. Sobre o entorno da Igreja, escreveu:

(...) Por trás da igreja há uma outra singularidade sacra, um jardim imitando o do Éden, em que se assentam Adão e Eva, em baixo da Cruz e ao lado de uma fonte, em toda a nudez da inocência. Estão cercados de uma multidão de animais e pássaros, de espécie doméstica e bravia. É de notar o número de absurdos que seu autor conseguiu introduzir dentro de tão limitado espaço; parece, entanto, que passou de moda, pois que o local está caindo em ruínas.

Outro viajante, J. Friedrich Von Weeck, esteve na região no período entre 1823 e 1827, porém, não se sabe a data exata de sua ida à Congonhas. Seu relato sobre a igreja, diz:

(...) Um jardim cheio de brincadeiras sagradas encontra-se atrás da igreja e parece ir acabando aos poucos (...).

O colégio de meninos, chamado de Colégio do Bom Jesus de Matosinhos, iniciou suas atividades em 1828 com a chegada dos padres lazaristas e encontra-se na parte de trás da Igreja. A hipótese de que esse jardim tenha sido retirado para a construção do colégio é a mais plausível

segundo as informações da época, uma vez que os próprios viajantes descreviam que o local não estava sendo bem conservado. Provavelmente, esse jardim fazia referência ao projeto inicial de Vicente Freire de Andrada, que administrou o Santuário de 1794 a 1809, e tinha o objetivo de construir duas ordens de Passos do Senhor: os da Paixão, na parte fronteira da igreja, e os da Ressurreição, na retaguarda. Assim, seria representada a vida para além da morte, o paraíso, o reencontro com Deus, a ressurreição, oferecendo uma imagem de continuidade da vida.

A comparação com o Jardim do Éden faz pensar que esse jardim teria um ideal religioso, assim como todo o

projeto do Santuário. Os documentos oficiais da igreja e livros que relatam a história da Basílica não declaram a existência desse jardim, dizendo que somente os Passos da Paixão chegaram a ser construídos de fato, porém, não se pode desconsiderar a importância desses relatos de viajantes e das informações trazidas, que facilitam a análise da época por meio de impressões sobre a paisagem, sobre os homens e sua tradição (CUNHA, 2007).

Os primeiros registros iconográficos

A primeira foto encontrada do espaço externo da igreja é datada de 1880. Nesta época, as obras da Basílica já estavam concluídas, incluindo as seis capelas dos passos.



Figura 2. Capelas dos Passos da Paixão e Igreja de Bom Jesus de Matosinhos. [1880]. Fonte: Congonhas (MG) (2011).
Figure 2. Chapels of the Passion steps and Bom Jesus de Matosinhos Church. [1880]. Source: Congonhas (MG)(2011).

Nota-se que, apesar das obras estarem concluídas, o terreno ao redor das capelas ainda se encontrava bastante desnivelado, sem pavimentação adequada e, também, sem qualquer vegetação que pudesse caracterizar um jardim. Sendo assim, nessa época, os Passos se localizavam isolados um do outro, possuindo apenas um caminho de pedras na parte central e alguns outros transversais.

De 1880 à década de 1920 há uma grande lacuna em registros e fotografias que auxiliariam na identificação das mudanças ocorridas no espaço. Sabe-se, contudo, que somente com a chegada a Congonhas, na década de 1920, dos padres Redentoristas, surgiu um ideário de valorização

do ambiente das capelas, com a introdução de um jardim.

Décadas de 1920 a 1940

As fotos do começo da década de 1920 mostram o início de uma vegetação rasteira, exemplares já bem desenvolvidos de palmeiras-imperiais - *Roystonea oleracea* (Jacq.) O.F. Cook – espécie ainda existente, e algumas outras mudas, de difícil identificação. A análise da desenvoltura dos espécimes de palmeiras-imperiais (Figura 3) leva a crer que tinham, aproximadamente, vinte anos. Sendo assim, conclui-se que seu plantio se deu por volta de 1900.



Figura 3. Vista das Capelas dos Passos da Paixão [Início da década de 1920].
Fonte: FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA LAZER E TURISMO (2011) .

Figure 3. Passion-steps-chapels view [Beginning of 1920's].
Source: FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA LAZER E TURISMO (2011).

No final da década de 1920 e início da década de 1930, o Jardim dos Passos foi cercado para evitar a entrada de cavalos. Nas laterais, foi inserida cerca de arame farpado e, ainda, dois portões de entrada: um de ferro próximo ao adro dos profetas e outro de madeira próximo à Rua do Aleijadinho. Além da intenção de impedir a entrada de animais, o que facilitaria a conservação do ambiente, o “fechamento” dos jardins era algo comum

na época e remetia ao modelo de jardim europeu. O gradeamento controlava a entrada e permanência das pessoas, selecionando apenas uma parcela mais elevada da sociedade que frequentaria aquele ambiente (DELPHIM, 2005; GOMES, 2007). O detalhe da cerca de arame farpado pode ser visualizado na figura 4, além de se observar um maior número de espécies de árvores e arbustos plantados.



Figura 4. Capela da Ceia. [Final da Década de 1920]. Fonte: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

Figure 4. Supper's Chapel [final 1920's]. Source: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

Na década de 1930, os padres Redentoristas preocuparam-se não só com a formação espiritual, mas também com o desenvolvimento da cidade. Por volta de 1933, iniciaram a ideia de um Plano de Restauração do

Santuário, que seria implantado somente alguns anos mais tarde (Figura 5). O autor é Hans Nobauer, pintor e decorador austríaco que chegou ao Brasil no início da década de 1920.

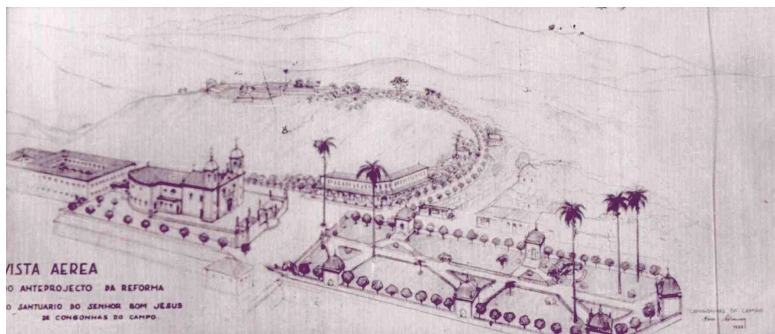


Figura 5. Anteprojeto da Reforma do Santuário do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo, por Hans Nobauer (1933). Fonte: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

Figure 5. Preliminary Remodel Design of Senhor do Bom Jesus Sactuary of Congonhas do Campo, by Hans Nobauer (1933). Source: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

O anteprojeto previa que o trajeto entre as capelas fosse bem delimitado, em ziguezague, seguindo a ideia inicial da *via crucis* dos Passos da Paixão e indicando o caminho correto a ser feito pelo visitante. Era previsto também um caminho central do início ao fim do jardim e a delimitação do calçamento seria feita com uso de plantas topiadas. Além disso, as palmeiras existentes seriam mantidas e outras espécies, não definidas no projeto, seriam incluídas

no entorno do jardim, exercendo a função de uma cerca viva. O projeto mantinha, ainda, a ideia de um jardim fechado com muros e um portão na entrada principal que o separava do adro dos profetas.

A fotografia do final da década de 1930 ou início da década de 1940 (Figura 6) parece ser a implantação desse projeto. Podem-se observar os mesmos trajetos entre as capelas e a delimitação dos caminhos por plantas topiadas.

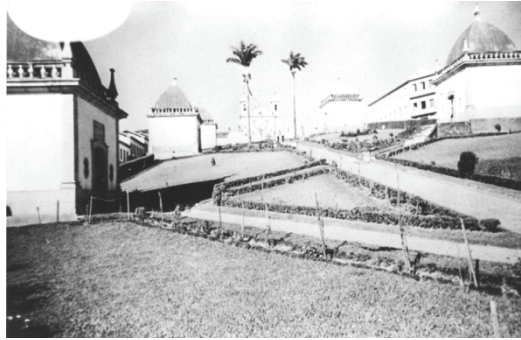


Figura 6. Jardim dos Passos [final da década de 1930].

Fonte: FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA LAZER E TURISMO (2011).

Figure 6. The Steps Garden [Final 1930's].

Source: FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA LAZER E TURISMO (2011).

Na década de 1940, o Jardim dos Passos possuía um grande número de plantas cultivadas. Era um jardim florido, volumoso, o que, por vezes, escondia as capelas e o adro dos profetas. O desenho do jardim era o mesmo do anteprojeto de 1933, com uma alameda principal de paralelepípedos e

vários caminhos transversais que ligavam, em ziguezague, os Passos. Os canteiros, ainda delimitados por plantas topiadas, descritas pelos jornais da época como ciprestes (*Cupressus sempervirens* L.), eram formados por roseiras (*Rosa* spp.) e alguns arbustos (Figura 7)



Figura 7. Jardim dos Passos. Fonte: Casais (1942).

Figure 7. Steps' Garden. Source: Casais (1942).

Décadas de 1950 a 1970

No início da década de 1950, o conjunto dos Passos estava com um “triste aspecto de abandono”, com o mato invadindo os jardins protegidos por cerca de arame farpado; havia muita sujeira e a pintura das capelas estava muito desgastada (VASCONCELLOS, 1950). Assim, surgiu a ideia de restauração do conjunto do Santuário, que se manteve durante toda a década de 1950 e contaria com obras na parte interna da igreja, com reforma do forro e

das pinturas, restauro na Casa dos Milagres, construção da Casa de Confissões e da Rádio (na lateral da igreja), obras de calçamento na praça, novos projetos de iluminação, restauração das esculturas e capelas e, também, renovação do jardim.

Em novembro de 1955, parte das obras foi iniciada, com a pintura e restauração das Capelas dos Passos. A figura 8 ilustra esse trabalho, mostrando a capela antes e após a reforma.



Figura 8. Capela da Flagelação e Coroação de Espinhos [1955] (esquerda)/ março 1956 (direita). Fonte: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

Figure 8. Scourging and crowning-with-thorns Chapel [1955] (left) / march 1956 (right). Fonte: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

O plantio de novos canteiros de roseiras somados aos muitos arbustos, flores e árvores, prejudicava a visibilidade pelo excesso de volume. Essa questão pode ser observada

na imagem à esquerda da figura 9. A imagem da direita mostra a capela da Prisão, onde as escadas de acesso possuíam heras sobre os degraus (EXCURSÃO, 1941).



Figura 9. Capela da Prisão (esquerda) e Cruz às Costas (direita) [1956].

Fonte: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

Figure 9. Prison's (left) and Cross on the back Chapels (right) [1956].

Source: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

Na década de 1960, novo projeto de ajardinamento na Praça da Basílica foi realizado por Roberto Burle Marx, mas só implantado no início da década de 1970 (VASCONCELLOS, 1960).

O projeto elaborado por Burle Marx foi entregue em julho de 1969 e sugeria mudanças no entorno que descaracterizava o conjunto arquitetônico e paisagístico, tombado pelo patrimônio (SOEIRO, 1969). Burle Marx revolucionou o Jardim dos Passos com uso de conceitos

modernistas em um projeto considerado de fácil execução (VELLOSO, 1969). A concepção de Burle Marx consistia em valorizar a arquitetura das capelas, o adro dos profetas e a igreja setecentista, proporcionando, assim, maior visibilidade ao conjunto. Percebe-se que o projeto de Burle Marx (Figura 10) consistiu em uma releitura do anteprojeto de Reforma do Santuário da década de 1930 (Figura 5), que também privilegiava a arquitetura do sítio.

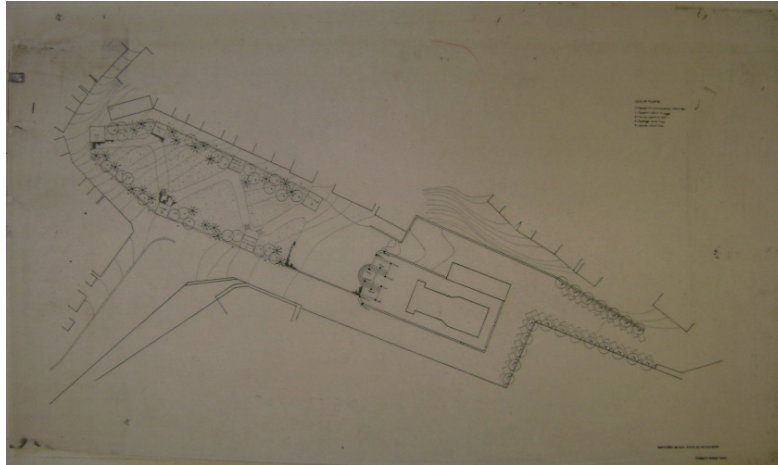


Figura 10. Projeto paisagístico do Santuário Bom Jesus de Matosinhos [1968].
 Fonte: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).
Figure 10. Landscaping Design of Bom Jesus de Matosinhos Sanctuary [1968].
 Source: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

Burle Marx “limpou” o jardim, retirando os vários canteiros de rosas, os ciprestes que ladeavam os canteiros e meios-fios, as heras dos degraus e os muitos arbustos e árvores que interferiam na paisagem. Optou por simplificar o ambiente utilizando poucas espécies, todas nativas, como era sua prática de trabalho.

As ações de Burle Marx em ampliar a visibilidade do conjunto e valorizar a arquitetura do Santuário, sem dúvida, foram interessantes. Porém, é importante considerar que, dentro do conceito de jardim histórico, a liberdade de criação de um projetista não é bem aceita. Nesses locais, prevalece o conceito de conservação, em que o projeto original deve ser mantido, considerando as espécies existentes, suas disposições e concepções paisagísticas (ANGELIS e ANGELIS NETO, 2004; ANDRADE, 2008). Delphim (2005) considera, ainda, como conceito básico de preservação a autenticidade e que essa reflete as fases de evolução de um bem, onde são levados em conta o “processo de criação, o período entre a fase de criação e o presente e a forma atual de percepção consciente do monumento”. Entretanto, Burle Marx projetou o jardim de Congonhas em 1968, e a Carta de Florença, que estabeleceu regras específicas para os jardins históricos, foi elaborada em 1981. Até essa data, não existia uma preocupação direcionada à preservação desses sítios.

O projeto de Burle Marx previa o plantio das espécies: *Arecastrum romanzoffianum* (Cham.) Becc (Palmeira-jerivá), atualmente denominado *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman; *Paspalum notatum* Fliiggé (Gramabatatais); *Tecoma chrysostricha* Mart. ex DC. (Ipê-amarelo-cascudo), atualmente denominado *Handroanthus chrysostrichus* (Mart. ex DC.) - Mattos; *Pyrostegia venusta* (Ker Gawl.) Miers (Cipó-de-são-jão) e *Holocalyx glaziovii* Taub. (Alecrim-de-campinas), atualmente denominado *Holocalix balansae* Micheli.

A localização exata de cada espécie não é indicada no projeto, mas percebe-se que as árvores e palmeiras seriam plantadas ao redor do jardim, como uma cerca viva, seguindo a ideia do anteprojeto de Reforma do Santuário da década de 1930 (Figura 5), e a trepadeira cipó-de-são-jão revestiria os muros. No interior do jardim, só haveria a grama-batatais e o calçamento de seixos rolados definindo o caminho a ser seguido pelos visitantes. Burle Marx manteve os espécimes de palmeiras-imperiais na praça, inclusive as que emolduravam a igreja, diante do adro. O caminho central, existente desde a década de 1930, foi excluído. Sendo assim, o visitante não poderia deixar de passar por todas as capelas em seu caminho até a Igreja. A implantação do projeto de Roberto Burle Marx durou os primeiros anos da década de 1970, sendo concluída em 1974.

O período de 1980 a 2010

A indicação que incluiria Congonhas na lista de Patrimônio da Humanidade foi analisada pelo Comitê da Unesco em reunião plenária e aprovada em setembro de 1985, em Paris (CAMBRAIA, 1985). O documento de tombamento da cidade em Patrimônio Histórico Mundial diz: “A inscrição nesta lista confirma o valor excepcional e universal de um sítio cultural ou natural que deve ser protegido para o benefício da humanidade”. O título foi concedido a Congonhas em 3 de dezembro de 1985 (DIAS e FIALHO, 2010).

Nesse mesmo ano, Burle Marx, em visita a Congonhas, denunciou ao diretor da IPHAN que as palmeiras e demais árvores presentes no Jardim dos Passos tiveram a parte inferior de seus caules pintada de branco, o que ele condenava por não contribuir para o desenvolvimento destas e por agredir esteticamente a vegetação (TELLES, 1985).



Figura 11. Jardim dos Passos [1982]. Fonte: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

Figure 11. Steps' Garden [1982]. Source: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2011).

Após a denúncia de Burle Marx, a arquiteta Maria Inês Trajano de Faria, do IPHAN, vistoriou a praça para checar as informações. Em seu relatório de vistoria, a arquiteta, além de confirmar a denúncia de Burle Marx, sugeriu que o jardim fosse reestruturado, uma vez que a circulação de pedestres havia destruído trechos do gramado e que nem todas as árvores tinham se desenvolvido conforme o esperado. (FARIA, 1985). Também foi observado que o Jardim dos Passos “não se encontrava executado integralmente de acordo com o projeto do paisagista Roberto Burle Marx” (CÂMARA, 1985). A proposta original traçada para o caminho que interligava os Passos com ritmo e harmonia e que induziria o visitante a percorrer todas as capelas não foi executada. Também algumas espécies propostas não foram plantadas (CÂMARA, 1985).

Inaugurando o novo milênio, a Companhia Siderúrgica

Nacional (CSN), assumiu o Projeto Mestre Aleijadinho – Patrimônio Iluminado, que envolvia também a prefeitura da cidade, o IPHAN, a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) e a Arquidiocese de Mariana. O projeto previa a instalação de novo sistema de iluminação que valorizaria o conjunto da Basílica e, para tal, foi convidado o “arquiteto das luzes”, Peter Gasper, de origem alemã e que se consagrou no Brasil como um dos maiores mestres da iluminação cenográfica e ambiental (SANTANA, 2000). Assim foi feita a recuperação dos jardins. Nesse processo, foi vetada a introdução de novas espécies, diferentemente do projeto original, e outras foram retiradas por estar em desarmonia com o conjunto.

Ainda no ano 2000, várias palmeiras foram retiradas do jardim, conforme figura a seguir, permanecendo somente exemplares de porte menor e as duas palmeiras em frente ao adro.



Figura 12. Palmeiras sendo removidas [2000]. Fonte: FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA LAZER E TURISMO (2011).

Figure 12. Palm Trees being removed [2000]. Source: FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA LAZER E TURISMO (2011).

Em 2005, foram feitas, por meio do Programa Monumenta do Ministério da Cultura, obras de drenagem e paisagismo na praça, além de nova restauração das imagens dos Passos. Esse novo projeto paisagístico, cujo desenho não foi encontrado, manteria o foco de Burle Marx, mas previa o plantio de palmeiras seafórtias - *Archontophoenix cunninghamii* (H. Wendl.) H. Wendl. & Drude; manacá - *Tibouchina mutabilis* (Vell.) Gogn.; e jasmim-do-cabo - *Gardenia augusta* (L.) Merr. Previa ainda a retirada de espécies de palmeiras-raphis - *Raphis excelsa* (Thunb.) Henry e iucas (*Yucca* spp.) que haviam sido plantadas indevidamente (CONGONHAS (MG), 2011). A única parte executada desse novo projeto foi o plantio das mudas de palmeiras seafórtias.

No ano de 2007, a palmeira que se localizava à direita ao adro dos profetas foi removida, pois corria risco de tombar e nenhuma outra muda foi plantada no lugar.

A praça nos dias atuais

Atualmente, a Praça da Basílica de Bom Jesus de Matosinhos possui um novo esquema de funcionamento. Por um Decreto estabelecido pelo Ministério Público e Prefeitura de Congonhas, o acesso ao Jardim dos Passos é proibido no período de 19 às 06h da manhã (Informação verbal)¹. A Prefeitura optou por conter o acesso com uso de balizadores com corrente e placas proibitivas com

abertura para entrada apenas no período diurno. A Guarda Municipal é responsável por vigiar o jardim.

O paisagismo do Jardim dos Passos segue a ideia de Burle Marx em manter poucas espécies para valorizar o conjunto arquitetônico, porém, mostra-se bastante diferente da proposta inicial do paisagista. A começar pelo trajeto entre as capelas que não é bem demarcado. Com isso, o visitante que desconhece o tema do “Sacro Monte” e a intencionalidade do projeto da *Via Crucis* de Congonhas não consegue entender seu sentido, a não ser que contrate o serviço de guias locais para que essas informações sejam transmitidas.

As espécies presentes atualmente no Jardim também diferem, em sua maioria, da proposta do projeto de Burle Marx. São elas: ipê-amarelo - *Handroanthus serratifolius* (Vahl) S.O. Grose, ipê-rosa - *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos, palmeira Raphis - *Raphis excelsa* (Thunb.) Henry, palmeira-jerivá - *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman, palmeira-imperial - *Roystonea oleracea* (Jacq.) O.F. Cook, palmeira Seafortia - *Archontophoenix cunninghamii* (H. Wendl.) H. Wendl. & Drude, dracena - *Dracaena marginata* hort., cipreste - *Thuya occidentalis* L. e flamboyant - *Delonix regia* (Hook.) Raf. As cores no jardim são proporcionadas principalmente pelos ipês, que garantem um espetáculo à parte, quando floridos.



Figura 13. Vista atual do Jardim dos Passos em Congonhas, MG.

Figure 13. Current view of Steps' Garden in Congonhas, MG.

4. CONCLUSÕES

A partir da análise dos relatos contados pelos entrevistados, dos documentos pesquisados e do material iconográfico disponível, é possível concluir que, apesar da construção da Basílica de Bom Jesus de Matosinhos ter sido iniciada em 1757 e as capelas construídas a partir de 1808, não houve nenhum ideário de ocupação do espaço da praça, seja como ambiente de convívio, seja como ornamentação, até a década de 1920. A ideia de embelezamento do local

surgiu somente com a chegada dos padres Redentoristas a Congonhas em 1923, que se preocuparam com o desenvolvimento da cidade e possuíam visão de futuro mais amplificada.

A partir daí, diversas foram as formas adquiridas pelo jardim, contando, inclusive, com projeto de Roberto Burle Marx, que revolucionou o paisagismo com a retirada de plantas que ofereciam um visual carregado e prejudicavam a visibilidade do conjunto do Santuário. Atualmente, a concepção paisagística da praça é baseada nas ideias

¹ Informações obtidas através da entrevista com Sr. Luciomar Sebastião de Jesus, Funcionário da Prefeitura de Congonhas, em 22 set. 2011. Entrevista concedida a Luiza de Castro Juste.

de Burle Marx, mas com muitas diferenças do projeto original, incluindo as espécies existentes e a delimitação dos caminhos.

Acredita-se, finalmente, que o significado religioso da Basílica deve ser melhor transmitido ao turista, de forma que ele compreenda e admire o projeto da *via crucis* ali proposto.

AGRADECIMENTOS

À Prefeitura de Congonhas, principalmente aos seus funcionários Pedro Cordeiro (Presidente da Fundação Municipal de Cultura Lazer e Turismo), José Felix (Diretoria de Cultura) e Ronaldo (Coordenador do Programa Monumenta), pela receptividade e pelo interesse em conhecer e colaborar com a pesquisa.

Ao Lucimar Sebastião de Jesus, também funcionário da Prefeitura de Congonhas, mas antes disso, artista plástico e um apaixonado pela cidade e sua história, por me oferecer a oportunidade de conhecer seu lindo trabalho, pelas vastas contribuições à pesquisa e por me trazer o fascínio por Congonhas e pelas obras de Aleijadinho.

Ao arquiteto do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), João Carlos Oliveira, por sua atenção, suporte e informações, e à Rosemere Silva, pela significativa contribuição documental.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, I.E. Construção e desconstrução do conceito de jardim histórico. **Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, São Carlos, v.8, n.2, p.138-144, 2008.

ANGELIS, B.L.D.; ANGELIS NETO, G. Jardins históricos - introduzindo a questão. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n.19, p.31-48, 2004.

ÁVILA, A. **Iniciação ao Barroco Mineiro**; colaboração de Cristina Ávila Santos. São Paulo: Nobel, 1984. 84p.

BAZIN, G. **O aleijadinho e a escultura barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1971. 347 p.

BESSA, A.S.M. **A construção das paisagens turísticas nos descaminhos da Estrada Real**. 2011. 280 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CALAES, G.D.; SOUZA, A.; FERREIRA, G.E.; WEISZ, J.; CASTRO, N.F. Estrada real: vetor de fertilização de conhecimento e aprendizado para a exploração mineral. In: SIMPÓSIO DE EXPLORAÇÃO MINERAL, 2., 2008, Ouro Preto. **Comunicação Técnica...** Ouro Preto: [s. n.], 2008.

CÂMARA, M. **Relatório de visita ao Santuário de Bom Jesus de Matosinhos em 17 de outubro de 1985**. Belo Horizonte: IPHAN, 1985. 2p.

CAMBRAIA, M. [Telegrama] 12 junho 1985, Belo Horizonte [para] PORTO, G. Belo Horizonte. If. Comunica a indicação de Congonhas como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Belo Horizonte: IPHAN, 1985.

CARVALHO, F.A. Memória toponímica de Saint-Hilaire pelo caminho velho da estrada real. **Letras & Letras**, Uberlândia, v.26, n.1, p.185-196, 2010.

CASAI, J. **Congonhas do Campo**. Rio de Janeiro: F. Timon, 1942.

CASTRO, V. **Envelhecimento e institucionalização**: as experiências na Fundação Obras Sociais da Paróquia da Boa Viagem em Belo Horizonte. 2009. 217f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CONGONHAS (MG). Prefeitura. **Projeto Monumenta**. Congonhas, 2011. (Arquivo).

CUNHA, A.M. Espaço, paisagem e população: dinâmicas espaciais e movimentos da população na leitura das vilas do ouro em Minas Gerais ao começo do século XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n.53, p.123-128, 2007.

DELPHIM, C.F.M. **Intervenção em jardins históricos**: manual. Brasília: IPHAN, 2005. 152 p.

DIAS, R.; FIALHO, L.L. Patrimônio cultural, histórico e artístico como atrativo turístico: um estudo sobre o Santuário de Congonhas – MG. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.1-20, 2010.

EXCURSÃO a Minas Gerais: Congonhas do Campo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 set. 1941.

FALCÃO, E.C. **A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962. 335p. (Brasiliensia Documenta, v. 3).

FARIA, M. **Relatório de visita ao Santuário de Bom Jesus de Matosinhos em 9 de agosto de 1985**. Belo Horizonte: IPHAN, 1985. 2p. (Arquivos).

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA LAZER E TURISMO. **Acervo**. Congonhas, 2011.

GOMES, M.A.S. De largo a jardim: praças públicas no Brasil - algumas aproximações. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v.5, n.1, p.101-120, 2007.

GUEDES, V.L. Uma análise histórico-ambiental da região de Ouro Preto pelo relato de naturalistas viajantes do século XIX. **Filosofia e História da Biologia**, São Paulo, v.5, n.1, p.97-114, 2010.

- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Centro de Documentação e Informação. Belo Horizonte, 2011. (Arquivos).
- LASSUS, B. L'obligation de l'inventio: du paysage aux ambiances successives. In: BERQUE (Dir.). **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Paris: Champ Vallon, 1994.
- LUGINBUHL, Y. **Paysage et identification, qualification et objectifs de qualités**. In: PAYSAGE et développement durable: les enjeux de la convention européenne du paysage. Strasbourg: I'Europe, 2006.
- MAGALHÃES, F. **Aleijadinho e seu tempo**: fé, engenho e arte. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, p.25-37, 2006.
- OLIVEIRA, M.A.R. **O Aleijadinho e o Santuário de Congonhas**. Brasília: IPHAN/MONUMENTA, 2006. 134 p.
- ORSINI, L.C. A ação do tempo no paisagismo em Inhotim. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v.16, n.1, 2010, 7-8.
- PIRONI, R. **Atlas escolar histórico e geográfico do município de Congonhas**. Congonhas: Prefeitura Municipal de Congonhas, Secretaria Municipal de Educação, Lição de Cidadania, 2008.
- ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**: public squares in Brazil. 2.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo 2003. 312 p. (Coleção Quapá).
- SANTANA, J. C. O mago das luzes. **Revista Época**, São Paulo, v. 102, p.1, maio 2000. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/20000501/soci15.htm>>. Acesso em: 6 jun. 2012.
- SMITH, R. C. **Congonhas do Campo**. Rio de Janeiro: Agir, 1973. 127p.
- SOEIRO, R. [Carta] 15 julho 1969, Congonhas [para] VASCONCELLOS, S. Belo Horizonte. 1f. Programação das obras à adequada ambientação do Santuário de Congonhas. (Arquivos - CDI/IPHAN).
- TELLES, A. [Telegrama] 06 agosto 1985, Rio de Janeiro [para] VIDIGAL, M. Belo Horizonte. 1f. Comunica denúncia de Burle Marx sobre palmeiras da Praça da Basílica em Congonhas. Belo Horizonte: IPHAN, 1985. (Arquivos).
- VASCONCELLOS, S. [Carta] 1950, Belo Horizonte [para] ANDRADE, R. Rio de Janeiro. 1 f. Relata a situação precária do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos. (Arquivos - CDI/IPHAN).
- VASCONCELLOS, S. [Carta] 22 novembro 1960, Belo Horizonte [para] GONÇALVES, B. Belo Horizonte. 1f. Sobre serviços de calçamento da praça da Basílica e pedido de novo projeto de ajardinamento. (Arquivos - CDI/IPHAN).
- VELLOSO, A. [Relatório de Visita] **Congonhas, julho 1969**. Belo Horizonte: CDI-IPHAN, 1969. 1f. (Arquivos).
- VITARELLI, F. **Turismo religioso**: jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos - Congonhas do Campo. 1997. 162p. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 1997.

